

## MOEDAS DE COBRE DA ÉPOCA MUÇULMANA ENCONTRADAS EM BEJA (¹)

Por

JOSÉ RODRIGUES MARINHO

São muito escassas em Portugal as notícias de achados de moedas de cobre muçulmanas, também designadas por *fals* ou *fulūs*, por transliteração do seu nome árabe (²).

O achador leigo e, infelizmente, alguns comerciantes, numismatas profissionais, e até coleccionadores, não pensam na importância que pode ter, para quem estuda esta matéria, o conhecimento da região onde aparecem os exemplares, e separam para sempre, por vezes conscientemente, o elo que liga a moeda ao local de origem.

Dos *fulūs* atribuíveis ao período dos governadores do Andaluz dependentes do califa de Damasco, isto é, presumivelmente batidos cerca dos primeiros quarenta anos do domínio árabe na Península, só de dois anos — 108 e 110 da Hégira — podemos ter a certeza da data por a referirem, e do local de cunhagem por informarem «batido

---

(¹) Ao bom amigo Exmo. Sr. José Rodrigues Mourão Júnior, distinto investigador em Beja e ilustre confrade no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia, devemos a oferta de grande parte das moedas aqui descritas. A sua acção em evitar a perda de tudo o que, por insignificante que pareça, possa dar testemunho do passado, é merecedora do maior agradecimento.

(²) *فلس* — *fals*; plural *فلوس* — *fulūs*. Joaquim Figanier, em *Moedas Arabes*, I Parte, Lisboa, 1949, usou os termos *felce* e *feluces*, respectivamente (pp. 42, 43 e outras); mas em II Parte, Lisboa, 1959, utilizou apenas o singular, na forma *felse* (pp. 24 e seguintes).

no Andaluz». Outros, poucos, mostram apenas terem sido cunhados no Andaluz, e a maior parte não dá outras indicações além de frases de carácter religioso.

Não podem ter-se por vulgares estas primitivas moedas de cobre, pois não conhecemos no País colecções oficiais ou particulares que alcancem a dezena de exemplares.

O tipo que nos parece mais espalhado — n.<sup>os</sup> 7 a 13 das descrições — não foi considerado pelos primeiros tratadistas da numismática muçulmana peninsular, por não indicar local de cunhagem, embora se admitisse um provável fabrico hispânico. Vários outros tipos de *fulūs*, dos quais são referenciados bem poucos exemplares, estão nas mesmas condições, e só estudos recentes, prestando atenção a tipologias peculiares, aventam a hipótese de serem cunhagens do Andaluz <sup>(3)</sup>.

Sabido que as antigas moedas de cobre, como regra geral, nunca se afastavam muito da origem, temos como da maior importância o registo do local onde forem encontradas, para uma classificação, seriação e atribuição cada vez mais apropriadas.

A interpretação de alguns destes *fulūs* tem-se mostrado bastante difícil, mas atraente. Assim, é dado como peninsular ou norte-africano um espécime com a frase «Pagamento no caminho de Deus» <sup>(4)</sup>. Terá sido cunhado, cerca da invasão da Península, para soldada aos combatentes na guerra contra os cristãos. Outra frase de igual significado espiritual é lida numa rara moeda de cobre como «Para a caridade de Deus» <sup>(5)</sup>, e presume-se que foi batida no Norte de África com a mesma finalidade da anterior.

---

<sup>(3)</sup> Além das referências que lhes são especialmente feitas nalgumas notas das descrições, as seguintes obras poderão dar ao estudante, ou ao leitor curioso, matéria relevante para um exaustivo estudo das séries mencionadas neste pequeno trabalho: John Walker — *A catalogue of the Arab-Byzantine and Post-Reform Umayyad Coins* — London, 1956; e George C. Miles — *The coinage of the Umayyads of Spain* — New York, 1950.

<sup>(4)</sup> نفقة في سبيل الله — Walker, ob. cit., pp. lxxvii/iii e 227.

<sup>(5)</sup> لركة الله — Walker, ob. cit., pp. lxxvii/iii e 225.

Do interesse destas cunhagens o que acabamos de expor tem matéria suficiente para o julgar. Podemos ainda acrescentar-lhe exemplares, que se supõem peninsulares, figurando cavaleiros e animais, alguns estilizados, cuja explicação vem motivando opiniões nem sempre convergentes.

Não conhecemos, para incluir nas descrições que seguem, exemplos de moedas com as características das que acabamos de referir. Mas, à parte os *fulūs* tidos já como cunhados na Península, julgamos que, alguns ou porventura todos os restantes espécimes que apresentamos, poderão ser de origem hispânica, talvez até de oficina bejense, pela coincidência do seu aparecimento. Neste primeiro período do domínio muçulmano, mesmo com poder central estabelecido, cremos não ser de desprezar a hipótese da existência de oficinas secundárias, instaladas em determinados centros populacionais, para a cunhagem de moeda de cobre de feição própria, que servisse as regiões a eles economicamente ligadas. Tal prática fora já utilizada no tempo dos romanos, com emissões locais em cobre ao lado das cunhagens centrais.

Deverá ainda atentar-se em que nestes recuados tempos, e até plena Idade Média, era a moeda de cobre que servia para as transacções do dia-a-dia, quando não havia lugar a trocas directas dos bens de consumo. Raros seriam os que tinham o salário diário retribuído com uma moeda de prata, o uso da qual representava já uma operação de relativo vulto. Os metais nobres, amoedados, serviam para os negócios do estado, para pagar as guerras, para as grandes compras e empreendimentos e para o entesouramento.

A moeda de cobre muçulmana primitiva é difícil de interpretar, quer já pela escrita, quer pela cunhagem irregular, quer ainda pela conservação, que o metal, não sendo nobre, mal se preserva. São bem poucos os *fulūs* que conhecemos que se conseguem ler por completo. Ora, com o registo do seu achamento, começamos por ajudar essa moeda a desvendar os seus segredos, a sua origem, as suas inscrições, o seu valor, o seu poder de aquisição, afinal a sua história.

## DESCRIÇÃO DAS MOEDAS \*

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
1	3,64 19	No campo, dentro de uma circunferência ponteadada, estrela com 6 pontas. Na orla a legenda:  لا اله الا الله وحده محمد رسول الله	Bastante descentrado e de difícil leitura pela acumulação de carbonato de cobre. No campo, dentro de uma circunferência ponteadada:  بأ ندلس  Na orla, legenda fragmentada:  ...م الله ضر...  Parte de uma circunferência de pontos exterior.

- 1 — Coleção, em estudo, do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, com a nota «Exemplar achado em Beja». A orla do anverso mostra a respectiva legenda completa, que se traduzirá «Não há Deus senão Alá, único. Maomé é o enviado de Alá.» A legenda completa da orla do reverso é بسم الله ضرب هذا الفلس, «Em nome de Deus foi batido este fals», e continua no campo da moeda «no Andaluz». A palavra اندلس aparece, pela primeira vez, na legenda árabe das moedas de ouro bilingues, do ano 98 da Hégira (716/17 da era cristã), correspondendo-lhe na face oposta, em latim, as letras SPAN, isto é, «hiSPANia» ou província hispânica. Todavia, nestas moedas, *al-Andalus* significará ainda o local da oficina monetária, certamente Córdoba, onde estava a sede do governo. Este tipo de moedas de cobre, da oficina central, terá circulado largamente por toda a Península. A estrela característica aparece, também, nos dinares que acima referimos e nos anteriores, os primeiros, só com legenda latina, presumivelmente datados dos anos 93, 94 e 95 da Hégira (712 a 714 da era cristã).

\* Com o número correspondente vão, no final, as fotografias de todos os exemplares, dando-se ainda, no texto, desenhos interpretativos das legendas de alguns.

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
2	6,19 18	No campo, dentro de uma circunferência ponteadada, estrela com 8 pontas. Na orla legenda fragmentada: ...وحدة [محمد] ر... ...	Campo como na moeda anterior. Na orla, fragmentos ilegíveis da legenda.
3	4,33 17	Como a anterior, mas a legenda: ...له الا الله و... ...	Campo como na moeda n.º 1, mas amassado à direita. Orla: (sic) ...ضرب... ...
4	4,50 15	Como a anterior, com a mesma parte da legenda.	Como a anterior, mas parte da legenda central, à direita, fora da moeda. Orla: ...س بسم الله... ...
5	5,00 16	Como a anterior, mas a legenda: ...ول الله لا... ...	Como a moeda n.º 2.
6	4,96 18	Muito descentrado. No campo, dentro de uma circunferência ponteadada, grande estrela de 8 pontas, como um borrão. Na orla, fragmento da legenda: ...له وحدة محمد... Parte de uma circunferência de pontos exterior.	Muito descentrado. Campo como na moeda n.º 1, mas muito sumido. Orla: ...فلس بسم... Parte de uma circunferência de pontos exterior.

2 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967.

3 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967.

4 — Adquirida em Beja em 1965, com as moedas n.ºs 6 e 7.

5 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967.

6 — Adquirida em Beja em 1965, com as moedas n.ºs 4 e 7.

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
7	3,68 20	<p>No campo :</p> <p>لا اله الا الله</p> <p>Orla em segmentos formando quadrado :</p> <p>...   ... نة   ثمان و   مئة</p> <p>O primeiro segmento e parte do segundo, o   em falta na legenda do campo e a parte superior de الله, estão substituídos pelas letras :</p> <p>ه ا الله</p> <p>colocadas transversalmente à legenda acima, indicando uma recunhagem.</p>	<p>No campo :</p> <p>محمد رسول الله</p> <p>Orla em segmentos formando quadrado :</p> <p>ضرب   هذا   الحد</p> <p>As letras do último segmento não condizem com a restante legenda, e estão colocadas um tanto transversalmente, mostrando uma cunhagem anterior (seriam parte de محمد ر).</p>

- 7 — Adquirida em Beja em 1965, com as moedas n.ºs 4 e 6. Tipo do *fals* do ano 108 da Hégira. As suas legendas seriam, anverso e reverso, no campo: لا اله الا الله محمد رسول الله «Não há Deus senão Alá, Maomé é o enviado de Alá». Orla, começando no reverso, ضرب هذا الفلّس «foi batido este fals», e continuando no anverso بالاندلس سنة ثمان ومئة «no Andaluz no ano cento e oito». São vulgares neste período as recunhagens de *fulūs* de origem peninsular. O exemplar descrito a seguir, bem como o n.º 13, também mostram sinais de recunhagem, e temos na nossa colecção outro exemplar do tipo do n.º 8 com grande parte de anterior legenda marginal, não sabendo nós onde foi achado. Miles (ob. cit.) refere um *fals* recunhado, deste período, na colecção da American Numismatic Society (n.º 30 do Catálogo, p. 128). John Walker (ob. cit.) refere outros *fulūs* recunhados: dois também do tipo do n.º 8 descrito a seguir, batidos sobre moedas com legenda na orla (n.ºs 681 e 682, p. 216) e um do ano 110 sobre moeda do ano 108 (n.º 761, p. 234). Na moeda acima descrita a recunhagem parece ter sido feita sobre cunhagem do mesmo tipo, que estaria antes bastante descentrada, mas os cunhos são diferentes.

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
8	4,84 19	No campo: لا اله الا الله	No campo: محمد رسول الله
9	3,18 16	Como a anterior, lendo-se apenas: لا اله الا الله	Como a anterior, lendo-se: محمد رسول الله
10	4,23 17	Como a n.º 8.	Como a n.º 8, mas lendo-se: محمد رسول الله
11	4,23 16	Como a n.º 8.	Descentrado, lendo-se apenas: محمد رسول الله  Por baixo, parte de uma circunferência pontuada.



8 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em Outubro de 1968. Este *fals* mostra ligeiros sinais de recunhagem, que já referimos a propósito do número anterior. A forma de dividir as linhas da legenda, especialmente as do reverso, é característica das primitivas moedas muçulmanas peninsulares e norte-africanas, logo nos dinares bilingues e nas primeiras de ouro de puro estilo árabe. Tal divisão em moeda de cobre é tida como forte presunção de cunhagem ocidental (Walker, ob. cit., p. 226, nota P. 117). Miles (ob. cit., p. 130) atribui também estas moedas a cunhagens peninsulares, pela existência de várias na colecção da Hispanic Society of America.

9 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. com a moeda anterior. Exemplar muito gasto, todo coberto com o verde baço do carbonato de cobre.

10 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967.

11 — Idem.








N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
12	1,62 13	Como a moeda n.º 9.	Como a moeda n.º 8, mas lendo-se apenas:
			سول الا
13	1,39 15		
		Tipo da moeda anterior, com legendas fragmentadas em duas linhas quase opostas, mostrando recunhagem:	Tipo da moeda anterior, distinguindo-se quatro linhas, opostas duas a duas com as mesmas legendas, mostrando recunhagem:
		لا اله الا الله	محمد
		الله	ول الله
		الله	الله
			الله

12 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. Totalmente recoberta de carbonato verde.

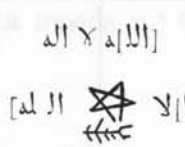
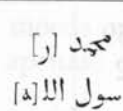
13 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. Exemplar muito maltratado mas com os traços suficientemente nítidos, faltando-lhe cerca de uma terça parte e dando a impressão de ter sofrido mais de uma recunhagem. O anverso tem, completa, a primeira linha da legenda e, por baixo, invertida, parte da legenda do reverso. Este tem, duplicada e em posições inversas, parte da respectiva legenda. Sobre estas recunhagens veja-se o que atrás dissemos a respeito da moeda n.º 7.





N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
14	1,59 12	 <p>No campo, com algumas das letras visíveis em parte, a legenda:</p>	 <p>No campo, com algumas das letras visíveis em parte, a legenda:</p>
		<p>الله لا اله الا الله</p>  <p>Por baixo, vestígios de uma espiga estilizada.</p>	<p>محمد ر</p> <p>سوال الله</p> <p>Entre as duas linhas um traço ondulado. Na orla, parte de uma circunferência pontuada.</p>
15	1,61 13	 <p>Como a moeda anterior, mas da legenda vê-se:</p>	 <p>Como a moeda anterior, vendo-se da legenda:</p>

14 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. John Walker (ob. cit., p. 217, n.º P. 116) descreve um exemplar desta rara moeda, existente no Cabinet des Médailles, de Paris, com 1,9 g de peso e o diâmetro de 15 mm, e informa de outro com o diâmetro menor, na colecção da American Numismatic Society; mas, evidentemente, desconhecendo a proveniência deles e tendo em atenção os motivos ornamentais, que aparecem noutros tipos, não dá opinião sobre a sua possível origem. cremos, contudo, que a divisão da legenda do reverso e o aparecimento em Beja deste *fals* e do que é descrito a seguir, são fortes indícios de cunhagem peninsular, com grande circulação na área bejense. A ser emissão local, para o que nos inclinamos, a espiga faria alusão à região cerealífera que ainda hoje é. A legenda do anverso traduzir-se-á «Para Deus. Não há Deus senão Alá».

15 — Colecção, em estudo, do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Tem a nota, na letra do Dr. Leite de Vasconcelos, «m. de AE achada

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
		 <p>Por baixo, a espiga bastante visível.</p>	





em Beja e dada por Galinoti a J. L. de V. em 1917». O sábio criador do Museu deve ter dado especial atenção a este *fals*, pelo pentagrama figurado no anverso, registando com pormenor a sua proveniência. É possível que alguma ou as duas moedas n.ºs 1 e 21 sejam também do mesmo ofertante. Na sua notável obra *Da Numismática em Portugal* (Lisboa, 1923), a p. 227, o distinto investigador esclarece: «Francisco Pedro Galinoti, de origem espanhola, mas residente muitos anos em Beja, onde faleceu depois de 1918: possuía moedas portuguesas, arábicas, etc. ...». Em *O Archeologo Portugues*, vol. XXIII, respeitante ao ano de 1918, a p. 106, na memória «Pelo Sul de Portugal (Baixo-Alentejo e Algarve)», o mesmo sábio, numa referência aos dias 29 e 30 de Julho de 1917 que passou em Beja procurando materiais, escreveu: «O Sr. Francisco Pedro Galinoti, ourives, mostrou-me uma colecção numismática que possui e que consta de moedas portuguesas, arabicas, etc.; com as moedas guarda uma fôrma de pedra, de fazer moedas arabicas, a qual, embora achada em Beja, nada tem porém com a cidade. O Sr. Galinoti é de origem hespanhola, mas vive cá há longos anos, e quer muito a Beja, para cuja historia colige noticias; teve ele a bondade de me oferecer algumas moedas, que eu trouxe para o Museu Etnológico, aonde eu bem quereria tambem que entrasse a fôrma monetária de que falei acima!». Ainda no mesmo volume de *O Archeologo Portugues* volta José Leite de Vasconcelos a referir esta moeda, num trabalho que ocupa 113 páginas e que intitulou «Signum Salomonis (Estudo de Etnografia comparativa)». A p. 209 lê-se: «Tanto o pentalfa como o hexalfa constituem tipos e simbolos de moedas mahometanas da idade-media e de epocas posteriores até à actualidade. ... represento ... na fig. 27 uma das faces de uma de cobre, também medieval, que adquiri em Beja em 1916, e pertence hoje ao Museu Etnológico». Em nota 4, de fim de página, referente a esta última frase, informa uma vez mais «Ofereceu-m'a o Sr. Francisco Pedro Galinoti. A outra face da moeda tem letras arabicas, porem nenhum emblema.»

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
16	1,32 12	 <p>No campo, com parte das letras fora da moeda :</p> <p>[بسم]</p> <p>[أ] [الله]</p>	 <p>No campo, com parte das letras fora da moeda :</p> <p>[محمد ر]</p> <p>[س] [ول الله]</p>

O ano 1916, escrito acima, deve ler-se 1917, sendo um *lapsus calami* pelo que atrás se lê.

Quanto à fôrma de pedra, que Leite de Vasconcelos amaria ter tido no seu Museu, estamos certos tratar-se de um pequeno pedaço de ardósia, com as dimensões de 47×33 mm e uma espessura variando de 6 a 6,5 mm, o qual se acha agora no Museu Rainha D. Leonor, em Beja. Uma das faces, alisada, tem uma gravura esculpida, semelhante a uma moeda com o diâmetro de 24 mm, de época bastante posterior às aqui apresentadas. Na parte superior do desenho, tangentes à orla, da qual interrompem boa parte, estão dois anéis. Inferiormente, apagando também um pouco os traços marginais, há um sulco que se alarga, cavado até ao extremo e tendo, de cada lado, um furo de cerca de 4 mm de diâmetro. O da direita está tapado com uma bucha de chumbo, ligeiramente saliente na face com a gravura. A orla, bastante larga, normalmente aproveitada nas moedas para uma legenda circular, foi ornamentada com pequenas circunferências com ponto central. O campo tem caracteres árabes de tipo cursivo, pouco regulares, gravados ao contrário e da esquerda para a direita, parecendo dispostos em quatro linhas, num conjunto que ainda não vimos na amoedação muçulmana. O mais provável é que a pedra servisse para fazer selos de cera, para cartas ou outros documentos, estando o sulco e os furos ligados de algum modo a uma outra fôrma contrária e à presumível passagem de uma fita ou cordão. Veja-se na foto 25 a sua reprodução, apresentada invertida na foto 26, para melhor apreciação da legenda que não conseguimos decifrar.

16 — Oferta do Exmo. Sr. Edgar W. Fischer em 1967, com a informação de provir de Beja. John Walker (ob. cit., p. 225, n.º 740) descreve este

N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
17	2,56 16	 <p>No campo, com vestígios sumidos da primeira linha: [بسم الله] الملك لله</p> <p>Na orla, circunferência de pontos.</p>	 <p>No campo: محمد رسول الله</p> <p>Na orla, circunferência de pontos.</p>
18	2,82 13	 <p>No campo, com parte das letras cerceada: [لا اله الا الله] الله وحده لا شريك له</p>	 <p>No campo, com parte das letras cerceada: محمد رسول الله الله</p>

tipo, sem comentários, referindo apenas dois exemplares. Na sua descrição e no *fals* que reproduz vê-se, por baixo da legenda do reverso, também uma estrela, que a nossa moeda, muito cerceada, não comporta. A legenda do anverso significa «Em nome de Alá».

17 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. John Walker (p. 226, n.º 741 e 742) não comenta este tipo, mas a propósito dos tipos seguintes, apenas com a 2.ª linha do anverso, escreve: «The formula الملك لله is also a strong indication of coins of African or Spanish provenance, ...». A legenda do anverso significa «Em nome de Alá. O poder é para Alá».

18 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. John Walker não refere este tipo no seu Catálogo, mas pela espessura — 4 mm — e pela forma das

N.º	Peso = g Diám = mm	Anverso	Reverso
19	4,51 16	<p>No campo:</p> <p>لا اله الا الله وحده لا شريك له</p> <p>Na orla, bastante cerceada, traços ilegíveis de legenda marginal.</p>	<p>No campo, legenda de difícil interpretação, que parece ser:</p> <p>الله احدا له الصمد لم يلد ولم يولد</p> <p>Na orla, bastante cerceada, traços ilegíveis de legenda marginal.</p>

letras temos este *fals* como da época dos anteriormente descritos, admitindo-se de cunhagem peninsular, que as próprias legendas não excluem. No anverso «Não há Deus senão Alá, único. Não tem companheiro». No reverso «Maomé enviado de Alá».

- 19 — Oferta do Exmo. Sr. Mourão Jr. em 1967. Exemplar com 3,5 mm de espessura, presumivelmente de cunhagens do séc. II da Hégira. O tipo de letra, bastante miúdo, e os óxidos e carbonatos que o revestem, não permitem mais do que conjecturar tratar-se de moeda semelhante a algumas das descritas por John Walker (ob. cit.) a pp. 292/3, no capítulo destinado aos exemplares de cobre datados mas sem indicação do local de cunhagem. Em dois *fulūs* do ano 116 H, muito completos, de que este autor dá a reprodução, as legendas são, no campo, as mencionadas acima, que se traduzirão, respectivamente anverso e reverso: «Não há Deus senão Alá, único; não tem companheiro» e «Deus é único, Deus eterno, não gerou e não foi gerado». Nas orlas, cerceadas e ilegíveis na nossa moeda, as reproduzidas por Walker têm, no anverso: *مجد رسول الله ارسله* «Maomé é o enviado de Deus; enviou-o com as normas da vida e a religião da certeza para que ele a fizesse prevalecer sobre todas as religiões»; e no reverso *بسم الله ضرب* «Em nome de Deus, foi batido este *fals* no ano cento e dezasseis».



N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
20	3,09 15	Como a moeda anterior, mas a legenda central interpretando-se com mais dificuldade.	Campo de difícil interpretação, mas parecendo ser : [الله احد الله الصمد م يلد ؟  Fragmentos ilegíveis da orla.
21	5,05 17	Como a moeda anterior.	Interpretando-se como a moeda anterior, mas com mais dificuldade, dada a legenda empastada. Na orla, em cima, parece ler-se الله.

20 — Oferta do Exmo. Sr. Edgar W. Fischer em 1967, com a informação de provir de Beja. Exemplar com 2,5 mm de espessura, cerceado e em mau estado de conservação. As observações à moeda anterior servem de igual forma para este *fals*.

21 — Colecção, em estudo, do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, com a nota «Exemplar achado em Beja». *Fals* com cerca de 3 mm de espessura, mas cerceado e de legendas com bastante desgaste. Vejam-se as observações a propósito da moeda n.º 19.

Já este trabalho estava a imprimir quando, numa das habituais e sempre interessantes visitas ao Museu Rainha D. Leonor, em Beja, nos foram mostradas três moedas de cobre muçulmanas, da época das que atrás descrevemos. Embora não haja nota da sua proveniência, é de presumir que tenham sido encontradas na região. Como uma delas, com igual legenda em ambas as faces, pelo seu ineditismo obriga a publicação, apresentamo-las a seguir:



N.º	Peso = g Diâm = mm	Anverso	Reverso
22	5,89 19	Como a moeda n.º 8. Envolvendo a legenda, parte de uma circunferência ponteadada.	Legenda como na moeda n.º 8, mas com um anelete a meio, entre as duas linhas. Na orla, parte de uma circunferência de pontos.
23	3,77 14	Como a moeda n.º 8, mas a legenda com a primeira linha muito cerceada. Por baixo, parte da circunferência marginal ponteadada.	Como a moeda n.º 9, mas as letras à esquerda muito cerceadas.
24	1,61 15	 Como o reverso da moeda n.º 12. No centro, pequena estrela de 6 (?) pontas.	 Como na moeda n.º 12. No centro, pequena estrela de 8 (?) pontas.

22 — Museu Rainha D. Leonor, Beja.

23 — Idem.

24 — Idem. Exemplar em mau estado de conservação mas legível, sem contudo permitir, em ambas as faces, a localização da letra ر, da palavra رسول. Este tipo, que cremos inédito, é estranho pela repetição da legenda, sendo talvez um erro de cunhagem, que poderia bem explicar-se, se fosse visível a letra em falta, pelo uso simultâneo de dois reversos do tipo da moeda n.º 17, atrás descrita.



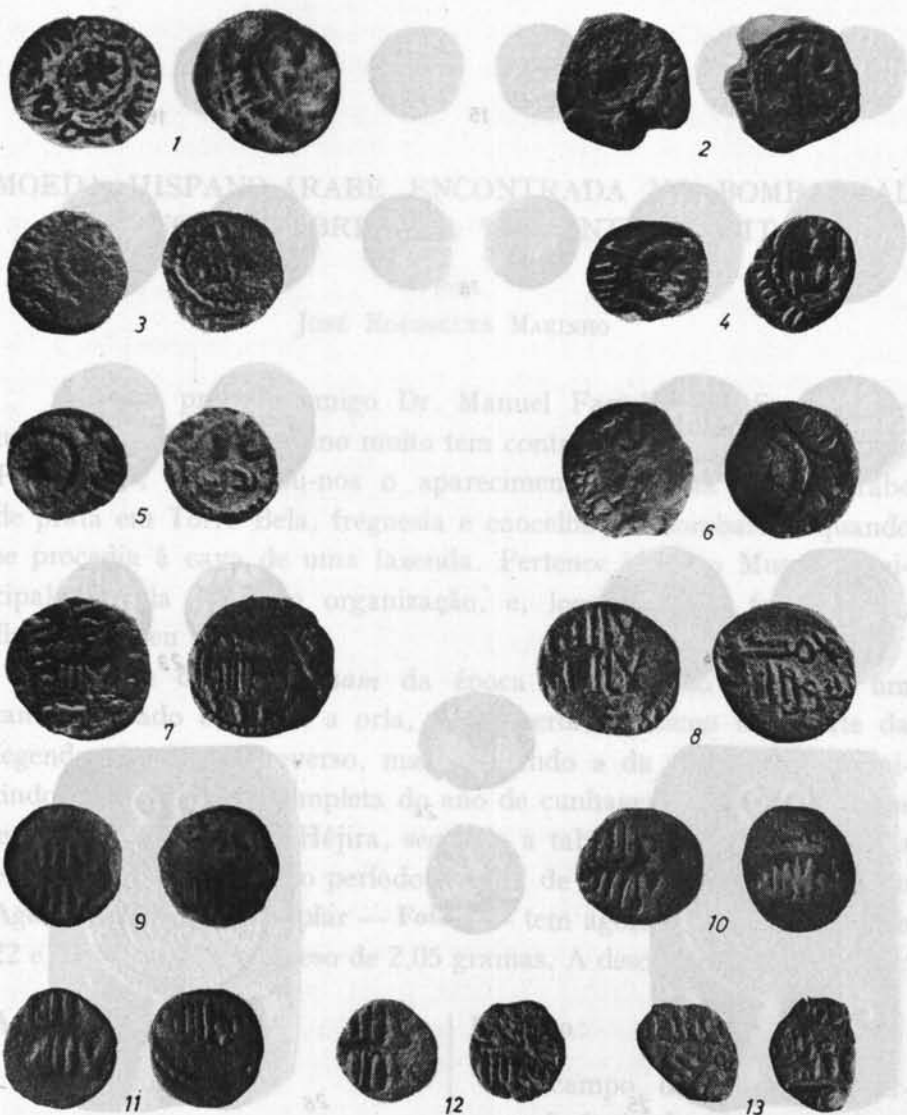
## SUMMARY

Showing that the known quantity of copper coins struck by the Moslems after their expansion up to the Hispanic Peninsula is relatively small, the author comments that, since most of the specimens do not indicate the date and place of mintage, it becomes difficult to define their origin.

Assuming the established principle that the old copper coins were seldom found very far away from the place where they were minted, he draws attention to the need of keeping a detailed record of every finding.

He goes on to give us a description of 24 Moslem copper coins found in the region of Beja, which he presumes, owing to characteristics of their own, to have been struck in the Peninsula, some of them in that very city, admitting the existence of a mint there, in order to better serve the region, in which coins were struck in that metal alone.

In his comments on n.º 15 the author also refers to a small slate stone, now kept in the Museum Rainha D. Leonor, Beja, which displays an engraving resembling a coin. He gives a description and a photograph of it, admitting that it might be a contrivance used to make the seals of the documents.



SUMMARY

